

E se uma exposição fosse um conjunto de intervenções em que um edifício aprende a ser um museu, onde o espectador decide o que quer aprender e onde se experimentam novas formas de estarmos juntos? *Quatro variações à volta de nada ou falar do que não tem nome* é uma exposição concebida como um processo de investigação no qual a arte é entendida como um conjunto de encontros e situações que acontecem ao longo do tempo. Quatro variações, quatro salas, quatro conceitos: ferramenta, método, ideia e sistema – os eixos estruturantes do pensamento e do fazer de Nicolás Paris.

A primeira sala organiza-se em torno da ideia de “ferramenta”: desenhos, exercícios pedagógicos, utensílios, jogos, protótipos. Aqui o pensamento é considerado um exercício e as ferramentas um apoio para projetar as ideias. Não são técnicas de representação, mas antes um sistema de pensamento que permite intercambiar reflexões.

# QUATRO VARIAÇÕES À VOLTA DE NADA OU FALAR DO QUE NÃO TEM NOME

Nicolás Paris

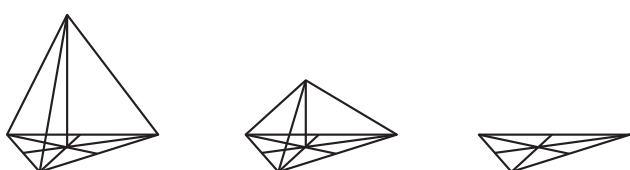
1

topologia

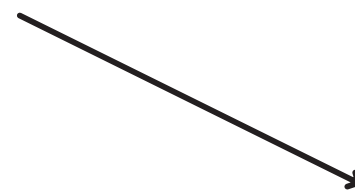
ideias

geometria

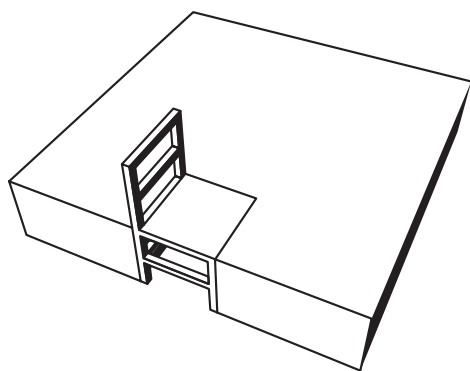
- compasso
- palavra
- desenhar
- fita-cola
- lápiz
- erro
- especular
- hábitos
- olhar
- perguntar
- fazer
- tesouras
- perder o tempo
- duvidar
- não entender
- aprender
- desaprender
- construir
- autoconstruir
- destruir
- montar
- desmontar
- cortar
- tocar
- caminhar
- escabichar
- classificar
- recordar
- esquecer
- projetar
- intercambiar
- dizer não
- expandir



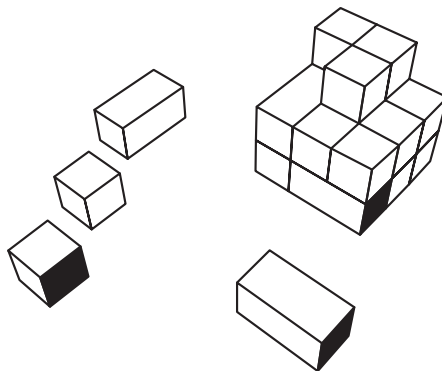
Na segunda sala é apresentado o “método”. Repensando e testando o conceito do espaço da sala de aula, propõe-se a arquitetura como um método construtivo que se transforma num processo de trabalho e num conjunto de rotinas, que dão origem a espaços de intercâmbio, onde se criam hábitos de convivência e de aprendizagem. Cada sala de aula, onde o espectador decide o que quer aprender e desaprender, é um edifício, em que os interesses do artista se cruzam com as experiências dos espectadores. Cada maquete oferece um lugar para a descoberta de afinidades, uma arquitetura que serve de gatilho para pensar diferentes formas de relação, num processo de aprendizagem e de erro.



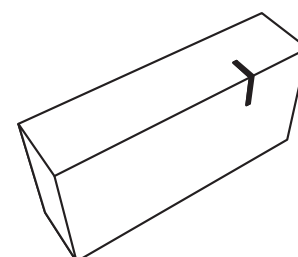
*Sala de aula para aprender a andar para trás*  
Desaprender. Avançar quase nunca é ir em frente.



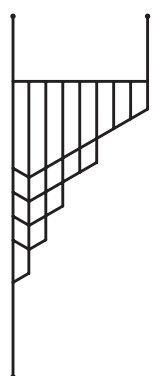
*Sala de aula para aprender a dizer “não”*  
Evitar, exercício de resistência, perímetro, decidir o que aprender.



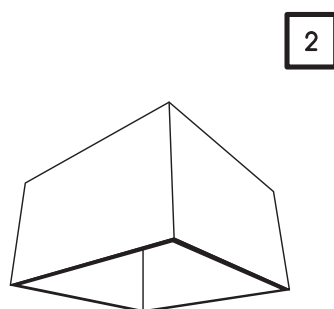
*Sala de aula para desaprender*  
Autoaprendizagem, autoverificação, armar e desarmar.



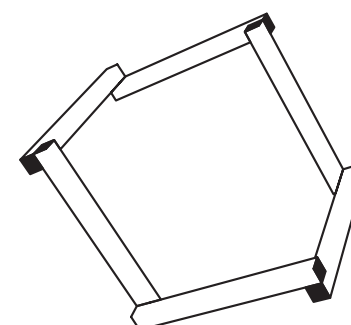
*Sala de aula para ler nas entrelinhas*  
O que está escondido, o que não se vê, a possibilidade.



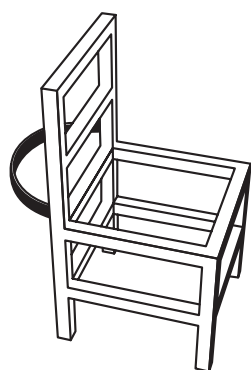
*Sala de aula para ver as ideias crescer ou para entender como opera a natureza*  
Explosão lenta, tempo, aumentar, incubar, trepadeiras.



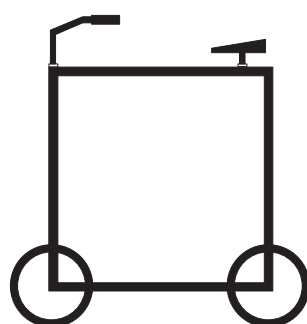
*Sala de aula para a curiosidade*  
Abrir e fechar, coisas que podem possivelmente ser algo, ver o que está por trás, o labirinto perfeito.



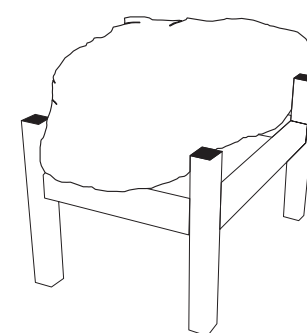
*Sala de aula para a dislexia ou para o pensamento topológico*  
Ordem invertida, mutação, evolução da forma, transformação dos materiais.



*Sala de aula para pensar com o corpo*  
(pensando em Merce Cunningham)  
Sinapse corporal, lugar para aprender movendo-nos.



*Sala de aula para o erro*  
O incorreto, opções para falhar, possíveis caminhos para nos equivocarmos.



*Sala de aula para saber esperar*  
Ócio produtivo, caminhar em círculos, repetir.

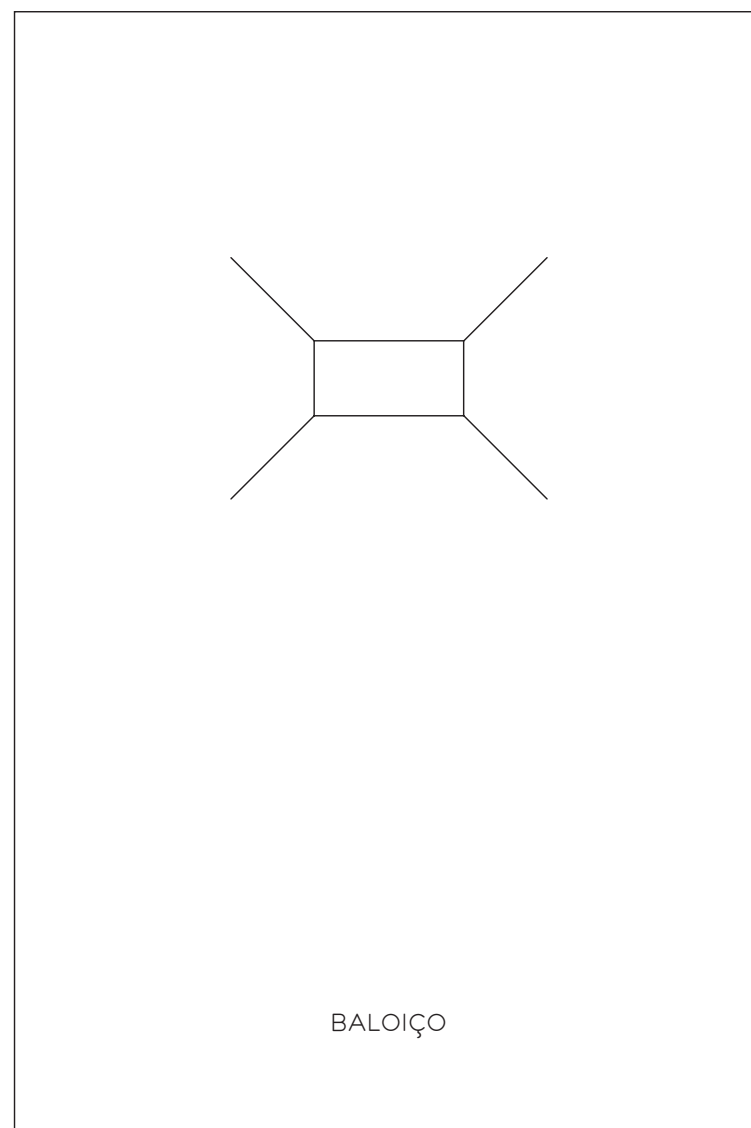
#### SERVIÇO EDUCATIVO

**Visitas orientadas à exposição**  
29 novembro e 20 de dezembro  
(por Nicolás Paris e Filipa Oliveira)  
10 janeiro, 7 fevereiro, 6 março  
Sempre às 16h, entrada gratuita

**Férias de Natal**  
**O desenho como ferramenta**  
4–6 anos  
28 a 30 dezembro,  
das 9h30 às 17h30

**Atividades para escolas e famílias**  
Marcações e mais informações  
(2.ª a 6.ª feira, 10–18h):  
T. 213 612 800  
servicoeducativo@museuberardo.pt

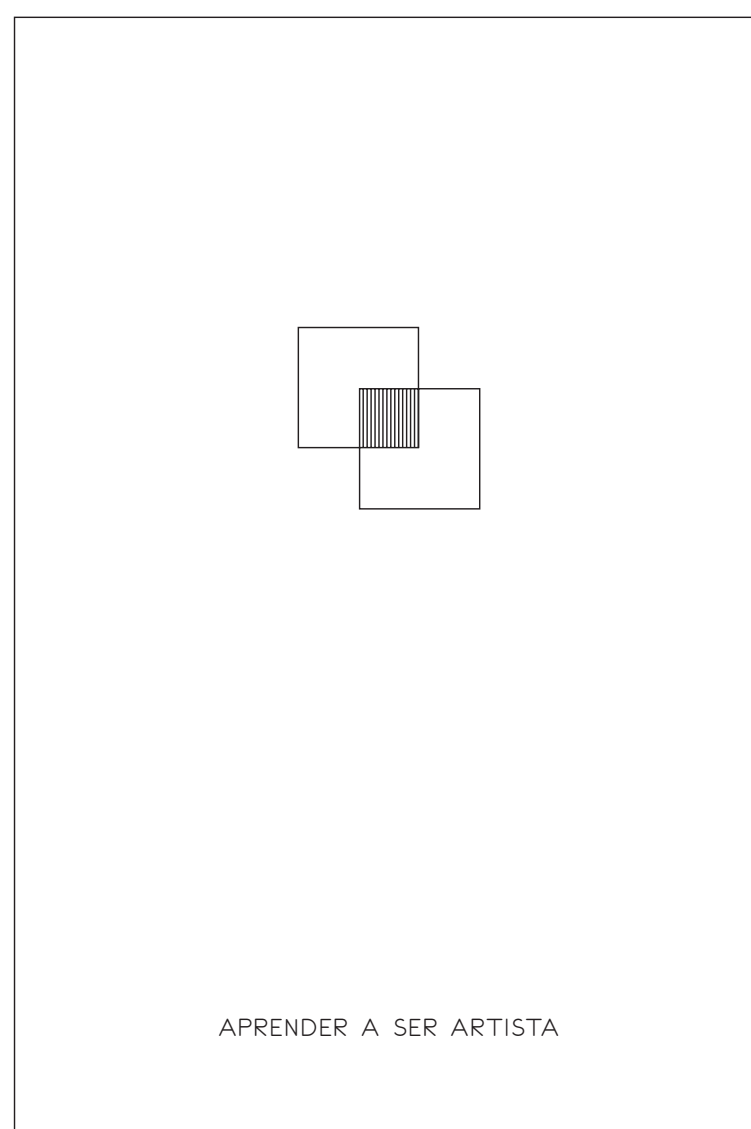
Para abordar a “ideia” a exposição muda de escala. Numa pequena intervenção arquitetónica, um objeto insinua que a ideia é algo sempre em construção e desenvolvimento. Algo transformador, ao qual não conseguimos aceder totalmente. Algo que tem várias possibilidades de crescimento, que surge com o tempo e que é da responsabilidade de cada espectador.



### CONVOCA-SE O VISITANTE

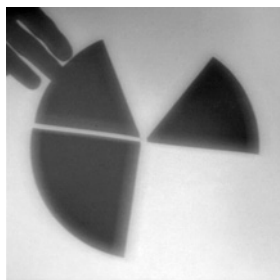
Esta exposição apresenta uma investigação que tem uma ênfase nos processos de difusão mais do que nos processos de produção da arte. Um dos seus desígnios é pensar na arte como um intercâmbio de reflexões. Neste sentido, com a abertura da exposição, torna-se pública uma colaboração muito próxima entre o artista e o serviço educativo, da qual resulta um conjunto vasto de atividades, situações e oficinas dentro e fora do museu. Uma escola temporária feita de processos de participação, de generosidade, de partilha de conhecimento, nos quais o visitante é convidado a participar.

3

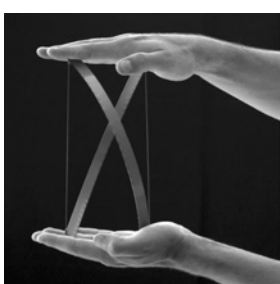


E por fim, o “sistema”. Se normalmente a educação seria o método e a arquitetura o sistema, aqui a lógica é invertida. A educação é aqui pensada como uma organização conceptual lógica que nos permite aprender por associação. Um processo que possibilita a reflexão e a produção de ideias e que inicia uma ou muitas experiências.

Filipa Oliveira, curadora



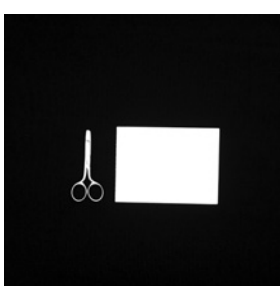
Eclipse



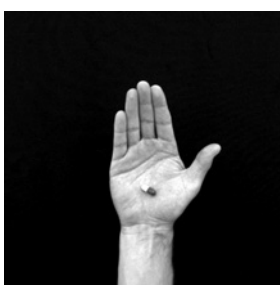
Tensegridade



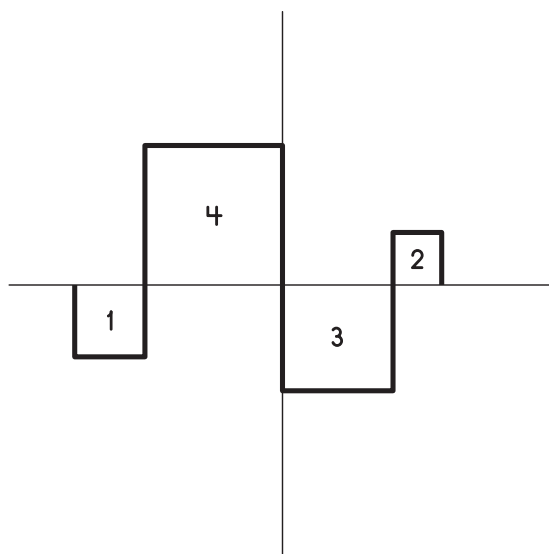
Cata-vento



Topologia



Semente



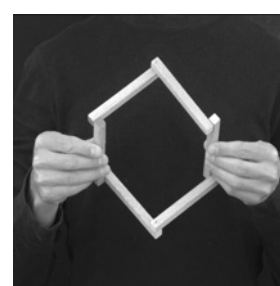
1. FERRAMENTA
2. MÉTODO
3. IDEIA
4. SISTEMA



Filigrama



Hexagrama



De triângulo a hexágono  
(pensando em Bruno Munari)



Não culpem ninguém  
(pensando em Julio Cortázar)

Entrada gratuita com o apoio de:

Associação de Coleções

Apoio à exposição:



Embajada de Colombia en Portugal



EGEAC galeriasmunicipais



Museu Coleção Berardo

Aberto todos os dias, 10–19h. Entrada gratuita  
Praça do Império. 1449-003 Lisboa. • T. 213 612 878 / F. 213 612 570  
museuberardo@museuberardo.pt • www.museuberardo.pt